

Obra: Leo e seu amigo Rino  
Autor: J. J. Dacosta



# LIVRO 41 - LEO E SEU AMIGO RINO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a história de Leo, um menino que gostava muito de animais, principalmente os selvagens. Ele era o filho de um Médico-Veterinário. Talvez, este gosto por animais tenha sido herdado de seu pai, grande amante da natureza e dos animais. Em sua caixa de brinquedos, Leo tinha modelos de quase todos os animais selvagens, exceção feita ao rinoceronte. Mas, a vida lhe preparava uma surpresa. Um dia, seu pai foi convidado para um programa de aperfeiçoamento em um centro de recuperação e soltura de animais selvagens na África do Sul. E toda a família se mudou para este centro, onde deveria permanecer por dois anos. No centro, Leo viu e se emocionava com o tratamento de recuperação de animais feridos ou doentes e sua posterior soltura. Ele admirava muito o trabalho de seu pai e sabia que queria ser um Médico-Veterinário quando crescesse. Um dia, um bebê rinoceronte foi levado ao centro, abandonado pela mãe que fugiu de um ataque de elefantes. Leo passou a cuidar de Rino, nome que deu ao bebê rinoceronte. Uma grande amizade nasceu entre os dois. Leo ficou encarregado de dar as mamadeiras e dar banho em Rino. Com o tempo, convenceu seu pai a deixar Rino sair com ele fora do recinto. Ele passeava montado em Rino ou o levando amarrado por uma corda no pescoço como se fosse um cachorro. Mas, Rino cresceu e começou a dar alguns problemas e até provar alguns ferimentos em Leo. Rino foi recolhido do recinto e Leo limitado em sua amizade com o pequeno rinoceronte. Leo aprendeu sobre os perigos de ter em casa animais selvagens. E chegou o dia em que Leo teve que se afastar de Rino, muito emocionado. Sua mãe reapareceu e Rino seguiu sua vida com ela, voltando à natureza. Apesar de triste, Leo queria o melhor para o seu amigo. Na volta ao Brasil, o tempo passou, Leo se formou Médico-Veterinário e passou a coordenar um centro de recuperação de animais silvestres no Brasil, nos moldes que viu na África do Sul.*

J. J. Dacosta

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Leonardo, o Leo como era chamado por apelido pela família e seus amigos, gostava muito de animais.

Talvez, o seu amor por animais tenha sido despertado por influência de seu pai Marcelo, um médico-veterinário que, também, fazia do amor pelos animais a razão de sua vida.

Mas, Leo tinha uma predileção pelos animais da selva.

Assim, sua caixa de brinquedos tinha carrinhos, trenzinhos, bonecos de super-heróis, bolas, cubos geométricos, entre muitos outros.

Entretanto, mais da metade dos brinquedos era de modelos de animais selvagens, como elefante, leão, tigre, girafa, urso, anta, cervos, entre tantas outras espécies.

Leo tinha, praticamente, quase todos os animais da selva em sua caixa de brinquedos e no armário de seu quarto.

Era uma coleção que se completava, cada vez mais, com os presentes que ganhava de seus pais, avós, tios e amigos.

Mas, tinha um animal selvagem que Leo não conseguia encontrar para sua coleção de brinquedos - o rinoceronte.

E ele se perguntava:

- Por que será que não fazem brinquedos na forma de um rinoceronte?

Talvez, a razão para isto possa estar no fato do rinoceronte ser um animal muito pouco conhecido e misterioso.

*(Você sabe o que é um rinoceronte? Não? Então senta que lá vem aula! Os rinocerontes são grandes mamíferos caracterizados por apresentarem uma pele espessa e pregueada e um ou dois chifres sobre o nariz. Estes animais habitam as savanas e florestas tropicais da África e Ásia. Os rinocerontes são herbívoros, ou seja, alimentam-se de vegetais. O nome vem das palavras gregas rhino (nariz) ekeros (chifre). O chifre não é feito de osso, e sim feito de pelos extremamente compactos que formam uma estrutura muito resistente. A pele dos rinocerontes tem até 7 cm de espessura e ele, também, tem orelhas muito pequenas. Ele não enxerga bem, porém tem ótima audição e olfato. Apesar do tamanho e peso, que pode chegar até 1700 quilos para as fêmeas e 3600 quilos para o macho, esses*

*animais podem atingir até 80 km/h. O rinoceronte não se associa muito com outras espécies, porém tem um amigo que o ajuda, o Tchiluanda. O Tchiluanda é um passarinho africano que cata carrapatos em seu corpo e avisa o rinoceronte de inimigos que estão se aproximando. O rinoceronte tem somente um filhote de cada vez. Após dezessete meses de gestação nasce o filhote, que pesa 25 kg e toma leite materno até dois anos de idade. Ao completar de cinco a sete anos, o filhote passa a viver sozinho, sem ajuda dos pais).*

E a vida preparava uma grande surpresa para o Leo!

Um dia, o Dr. Marcelo foi convidado para fazer parte da equipe de veterinários em um centro de recuperação e soltura de animais selvagens na África do Sul, por um período de dois anos.

Ou seja, este centro recebe animais selvagens feridos, abandonados, doentes, encaminhados de várias partes da África. Os veterinários cuidam e tratam destes animais e os preparam para ser soltos novamente na natureza.

Era um belo trabalho que o Dr. Marcelo sempre quis desenvolver. Ele esperava por este convite há muito tempo.

Entretanto, para aceitar este convite, o Dr. Marcelo e sua família teria que se mudar para a África do Sul por, pelo menos, dois anos. Inclusive o Leo, obviamente!

E em casa a conversa do Dr. Marcelo com sua esposa e com o Leo não foi nada fácil:

- Mãe! Eu não quero ir para a África do Sul! Dizia Leo chorando.
- Mas, filho, lá é um lugar muito bonito e você vai ver e conhecer muitos animais selvagens onde seu pai vai trabalhar! Você não gosta dos animais selvagens? Respondia sua mãe.
- Mas, e minha escola e meus amigos? Continuava lastimando Leo.
- Você vai continuar estudando lá e conhecerá novos amigos. Procurava consolar sua mãe.

Leo ficou muito triste por vários dias e semanas. Ele imaginava como seria sua vida longe da sua escola e de seus amigos.

Entretanto, a possibilidade de ver e conhecer animais selvagens o animava um pouco:

- Pai, eu vou poder ter um animal selvagem de estimação? Você deixa eu cuidar de algum bebê de animal selvagem? Leo perguntava, como se estivesse negociando esta condição para ir.

Seu pai pensou, pensou e se comprometeu:

- Bem, até podemos fazer isto se você encontrar um animal selvagem amigo que goste de você e não apresente perigo. Mas, lembre-se que será por pouco tempo!

Leo percebeu que não teria mesmo outra opção e tratou de arrumar suas coisas para a longa viagem que aconteceria muito em breve. Como brinquedo, ele levaria somente os modelos de seus animais selvagens.

E o grande dia chegou.

A família estava pronta para viajar. O mais motivado, sem dúvida, era o Dr. Marcelo. Os conhecimentos que ele aprenderia lá seriam muito importantes para sua carreira e seus planos. Dona Adriana, mãe de Leo, era a que estava menos motivada. Ela gostava de sua casa, sua rotina diária e, com certeza, sentiria muito a falta de seus pais, avós de Leo. Leo se deixou levar pela novidade e possibilidade de ter um animal selvagem como amigo.

Finalmente, a família chegou ao Centro de Recuperação e Soltura de Animais Selvagens Tchilunda, em um parque natural da África do Sul.

A família foi recepcionada pelo Dr. Steve, um cientista americano que, também, morava no centro.

No caminho do aeroporto até a sede do centro, o Dr. Steve foi conversando como Dr. Marcelo, enquanto Leo olhava pela janela do carro e começava a ver as grandes florestas e savanas, sinal que o centro estava chegando.

Ele ouvia cantos diferentes de pássaros, gritos estranhos de outros animais, o ar tinha um cheiro de mistério.

Ele viu uma manada de elefantes andando calmamente pela pradaria africana, outra de gnus atravessando o rio, viu gazelas correndo de guepardos em alta velocidade, viu um grupo de leões devorando um búfalo que tinha acabado de abater e um bando de urubus que aguardavam as sobras.

Leo começou a ficar com medo:

- Pai! Estou com medo! Estes bichos vão morar com a gente? Eles não vão me comer?

O Dr. Marcelo riu da pergunta de Leo e a traduziu ao Dr. Steve.

- “My son Leo is somewhat afraid that the wild animals will eat him”!

O Dr. Steve riu, igualmente, da pergunta de Leo.

O Dr. Marcelo procurou tranquilizar Leo:

- Não, filho. No centro existem somente animais com algum ferimento, filhotes abandonados ou outros animais doentes. Além disto, todos ficam fechados em recintos próprios para cada espécie. Você estará bem protegido!

Leo não entendia nada o que o Dr. Marcelo e o Dr. Steve conversavam. Afinal de contas, eles estavam falando em inglês.

- Preciso aprender a falar inglês. Bem que minha mãe sempre me diz isto! Pensava Leo.

Ele gostaria de entender um pouco o que seu pai e o Dr. Steve estavam conversando.

Aprender inglês é muito importante. Ela é uma língua quase universal. Quem fala inglês pode se comunicar com outras pessoas em quase todas as partes do mundo!

Finalmente, chegaram ao Centro Tchilunda. O dia estava acabando e o sol se punha no horizonte vermelho e empoeirado.

E o primeiro dia foi de intensas novidades.

Eles conheceram a casa onde morariam nos próximos dois anos. A casa era simples e pequena, mas confortável. Eles tinham à disposição o básico que precisariam para viver, porém sem luxo.

Eles deram uma volta rápida nas instalações, circulando entre os recintos onde estavam os animais selvagens em recuperação. Leo viu vários deles e ficou contente e motivado.

Sua mãe Adriana parecia um pouco triste e preocupada.

- Mãe, vai dar tudo certo! Disse Leo, dando-lhe um beijo de boa noite. Ele tomaria um banho e iria dormir. O dia seguinte seria um dia cheio de atividades.

Dona Adriana gostou do beijo e apoio de Leo e se sentiu melhor. Ela pensou: “Se estar aqui é bom para o Marcelo e o Leo, será bom para mim também!”.

Quando acordou na manhã do dia seguinte, Leo levou um susto. Ele pensava que, ainda, estava em seu quarto, na cidade de São Paulo. Os berros, gritos e sons dos animais do Centro Tchilunda mostravam que suas manhãs não seriam mais a mesma.

A família se reuniu para o primeiro café da manhã. O leite era de cabra e o queijo era de leite de cabra, o pão era caseiro feito no próprio centro, havia frutas produzidas na região, como: uvas, laranjas, mangostões, melancias, kiwis, melões, lichias, entre outras.

Dona Adriana, que sempre foi uma excelente cozinheira, percebeu que teria que improvisar. Carne de boi e de frango não era comum. Eles teriam que se acostumar a comer outros tipos de carne, como a carne de canguru.

O Dr. Steve mostrava todas as instalações ao Dr. Marcelo e ao Leo, enquanto dona Adriana se distraía organizando sua vida na casa.

Eles visitaram todos os recintos dos animais e havia muitos. Mas, o que mais chamou a atenção do Leo neste primeiro dia foram os recintos de três pequenos elefantes cujas mães foram mortas por caçadores de marfim, o de um chipanzé que perdeu uma das mãos presas em uma armadilha, o de um leão ferido à bala, o de um leopardo ferido em uma briga por disputa de território com outro leopardo e o de uma girafa que tinha o longo pescoço machucado por espinhos quando tentava alcançar as folhas altas de uma árvore.

O Dr. Marcelo, com certeza, teria muito trabalho. Leo admirava muito e tinha orgulho do trabalho de seu pai. Ele era muito bom para os animais e, com certeza, ajudaria a cuidar destes animais feridos.

E o Dr. Steve veio com uma novidade que Leo não esperava.



Ele mostrou a pequena sala de aula onde Leo, juntamente com algumas outras crianças do Centro Tchiluanda. Eles teriam aulas com uma professora que vinha da cidade três vezes por semana e ficava o dia inteiro dando aulas aos seus alunos.

Leo, inicialmente, aprenderia falar inglês. Todas as aulas eram dadas no idioma inglês. Na África do Sul se fala, principalmente, o idioma inglês. Depois, ele teria as demais aulas, como matemática, geografia, história, ciências, entre outras.

Bem, Leo chegou à conclusão que agora teria mesmo que aprender inglês e ficou contente com esta possibilidade.

E, assim, nesta atividade diária, que nada tinha de rotina, o Dr. Marcelo, o Dr. Steve, dona Adriana e Leo seguiam suas vidas no Centro Tchiluanda.

Leo progredia bem nos estudos e já falava o inglês muito bem. Ele avançava nas aulas de matemática, geografia, história, ciências e outras matérias. Assim, quando voltasse ao Brasil poderia continuar seus estudos sem perder anos na escola.

Leo chegou a formar dois pequenos times de futebol entre seus amigos. Mas, ele não jogava futebol muito bem. E ele era alvo constante de brincadeiras de seus amigos que diziam:

- You are a Brazilian and you do not know how to play football! You ought to be ashamed of yourself!

*(Você sabe o que esta expressão em inglês quer dizer? Não? Então o que você vai fazer? Sugestões: pergunte aos seus pais, avós, professores ou amigos que estudam inglês. Há outro recurso, caso você saiba lidar com a Internet. No site de busca Google procure o link para Tradutor Automático Google. Este link abrirá uma página onde você pode escrever esta frase em inglês e pedir para traduzi-la para o português. É muito fácil. Mas, eu não vou traduzir esta expressão para você não! Nunca se deixe levar pela preguiça ou comodismo quando se tratar de assuntos importantes para o seu aprendizado!).*

Nos recintos, o Dr. Marcelo e o Dr. Steve cuidavam dos animais que chegavam. Eram aves com asas quebradas, pequenos animais silvestres com queimaduras provocadas pelas queimadas das matas, cangurus machucados por mordidas de cachorro e tantas outras situações.

Leo aprendia que seu pai fazia um trabalho muito importante e já tinha uma resposta quando alguém lhe perguntava o que ele queria ser quando crescer:

- Quero ser um Médico-Veterinário como o meu pai e cuidar de animais selvagens! Respondia sempre Leo.

Leo viu os três pequenos elefantes serem soltos junto à manada e serem bem recebidos pelas mães e vovós elefantes. E ele se emocionou.

Leo viu a girafa ser solta e reencontrar suas amigas na planície com o pescoço totalmente curado. Ela sabia, agora, que deveria tomar mais cuidados com os espinhos das árvores. E ele se emocionou.

Leo viu o chimpanzé, já com o braço cicatrizado, mas sem uma das mãos, ser solto na floresta e ser bem recebido pelos seus irmãos primatas e não ter maiores dificuldades de subir nas árvores. E ele se emocionou.

Leo viu o leão curado do ferimento à bala ser integrado ao grupo de fêmeas que o aguardavam com ansiedade. E ele se emocionou.

Leo viu o leopardo já recuperado dos ferimentos da briga com outro leopardo ser solto em um local da floresta onde não havia nenhum outro leopardo dono do território. E ele se emocionou.

E, um dia, aconteceu algo muito especial na vida de Leo.

Um pequeno filhote de rinoceronte foi entregue no Centro Tchilunda. Sua mãe fugiu às pressas por causa de um ataque de machos elefantes que não queriam rinocerontes em seu território. O seu bebê ficou perdido e assustado e se escondeu no mato. Mais tarde, foi descoberto pelos guardas do parque e trazido para a reserva.

O amor de Leo pelo bebê rinoceronte foi imediato. Ele nunca tinha visto um rinoceronte antes. Era um bichinho muito esquisito mesmo. Era um bebê rinoceronte macho. E seus dois pequenos chifres começavam a despontar em seu nariz.

- Pai! Eu quero cuidar do bebê rinoceronte, posso?

O Dr. Marcelo lembrou-se da promessa que fizera ao Leo e consentiu:

- Leo, você poderá dar mamadeira para ele, dar banho nele, mas vamos deixá-lo no recinto. OK?

- OK, pai! Que legal! Disse Leo.

E, assim, nascia uma amizade entre Leo e Rino, nome que ele deu ao bebê rinoceronte, como nunca se tinha vista no Centro Tchiluanda ou talvez em toda a África.

Os dias de Leo não eram mais o mesmo. Ele se levantava cedo. Aprendeu a preparar as mamadeiras de Rino com leite de cabra e a mistura de vitaminas dadas pelo Dr. Steve.

Rino gostava de tomar banho todos os dias e de se jogar na lama que se formava no chão.

Ele cobria seu corpo de lama para se proteger dos insetos. Não era sujeira, era uma proteção dada pela natureza.

Mas, Leo queria ver Rino sempre limpinho e achava ruim quando, logo após o banho, ela se jogava na lama.

E Leo fazia de tudo com Rino e o pequeno rinoceronte parecia gostar. Ele andava a cavalo no dorso de Rino, amarrou uma corda em seu pescoço e andava com Rino no recinto como se fosse o seu cachorro.

Rino olhava para Leo como se fosse seu pai e o obedecia em tudo. O olhar e a alegria que Rino demonstrava quando via Leo era de surpreender a todos.

Um dia, Leo pediu ao seu pai:

- Pai! Posso andar com o Rino fora do recinto?

O Dr. Marcelo e o Dr. Steve acharam que não haveria problemas. O Rino ainda era um bebê, seus chifres ainda estavam nascendo e ele era muito carinhoso com as crianças, além de obedecer Leo muito bem.

E Rino conheceu o mundo fora do recinto. Ora conduzido por Leo que segurava a corda amarrada em seu pescoço com firmeza. Ora fazendo às vezes de um pequeno cavalo com Leo montado em seu dorso.

E Leo pedia cada vez mais coisas para o seu pai:

- Pai, posso mostrar o meu quarto ao Rino?

- Pai, posso dar somente um pedacinho deste biscoito para o Rino?
- Pai, a noite está fria, posso cobrir o Rino com este cobertor?

O Dr. Marcelo, apesar de não concordar com muitas coisas que Leo pedia, procurava ser tolerante. Afinal de contas, o tempo estava passando e, mais alguns meses eles deveriam voltar ao Brasil.

Se Leo pudesse ele ficaria com Rino por toda a vida.

Mas, começaram a acontecer alguns problemas...

Rino não queria mais ficar no seu recinto. Assim, ele usava seus pequenos chifres e força para quebrar a porteira e ir em direção à casa de Leo.

Na casa de Leo, ele chegou a quebrar a porta de entrada com uma chifrada e entrou na casa, procurando por Leo.

Ao encontrar Leo em sua cama, Rino tentou subir para deitar-se ao lado dele e resultado - espatifou toda a cama!

Assustado, Rino olhava com seus olhos pequenos e amorosos para Leo, como pedindo desculpas.

Outro dia, passou pela cozinha e derrubou mesa, cadeiras e quebrou todos os pratos que estavam em cima da mesa.

Leo chamava atenção de Rino:

- Rino, você não pode fazer isto! Você tem que me esperar no recinto até eu chegar! Seu bicho feio!

Rino olhava para Leo com um olhar carinhoso, sem entender a razão da bronca e sem entender o que ele tinha feito de errado.

Mas, Leo logo o abraçava e o beijava, fazendo carinho em sua cabeça. Rino adorava quando Leo coçava sua cabeça.

Mas, o Dr. Marcelo teve que ser mais drástico:

- Leo, o Rino não vai poder sair mais de seu recinto. Ele está crescendo e ganhando peso. Seus chifres já podem machucar você ou outra criança!

Leo ficou muito triste, mas compreendeu as razões de seu pai. Ele não queria criar problemas para o seu pai no seu trabalho no Centro Tchilunda.

Assim, os dois amigos se limitavam às brincadeiras restritas ao recinto. Rino sentiu, também, a diferença. Ele tentava abrir à força a porteira do recinto. Mas, sem resultado. A porteira foi reforçada para que ele não pudesse mais sair.

Leo foi proibido de dar qualquer comida ao Rino que não fossem os vegetais selecionados pela especialista em nutrição animal do centro.

E Leo, quando não estava estudando, estava dentro do recinto do Rino, como se fosse sua segunda casa.

Quando voltava para casa, Leo estava sempre sujo de lama e tinha o mesmo cheiro de Rino, para desespero de dona Adriana que tinha que lavar suas roupas e suas toalhas de banho.

Apesar de ser, ainda, um bebê, Rino pesava mais de 150 quilos! Nas brincadeiras, mesmo sem querer, Rino derrubava Leo no chão. Às vezes, Rino queria brincar de brigar com Leo e dava algumas chifradas sem muita força. Mas, algumas delas chegavam a machucar Leo.

- Leo, o que é esta ferida em sua perna! Perguntou seu pai um dia.
- Nada, pai. Eu caí! Respondia Leo, querendo não culpar Rino.

O Dr. Marcelo percebia que Rino havia machucado Leo.

- Leo, você terá que tomar mais cuidados com o Rino daqui para frente. Lembre-se que ele é um animal selvagem. Todos os animais selvagens podem oferecer perigo, mesmo aqueles criados desde pequenos pelos seus donos. Os acidentes deste tipo são comuns todos os dias. Não raras vezes, animais criados como se fossem um cão ou gato de estimação, ferem e chegam até matar seus donos quando crescem. Entendeu, meu filho?

O fato de entender significaria para Leo que ele concordava em se afastar de Rino e ele respondia:

- Mas, pai. O Rino e eu somos grandes amigos. Ele nunca vai me ferir de verdade.

Mas, o Dr. Marcelo procurava ser mais claro com Leo:

- Leo, todos os animais retirados da natureza para viver nas casas dos homens podem causar danos e ferimentos, alguns graves. São comuns as picadas de cobras, mordidas de répteis, bicadas de araras e papagaios nos olhos. São comuns os ataques de leões e tigres domesticados. E, mesmo aqueles que não causam danos, como os pobres passarinhos que cantam, não devem ser aprisionados em casa. Isto é crime ambiental e as pessoas podem ser presas e pagar elevadas multas. Estou sendo claro, Leo?

- Sim, pai. Está muito claro! Eu entendi. Respondeu Leo.

Leo pensava que um dia poderia até levar o Rino para morar em São Paulo, em sua casa. Mas, agora, ele sabe que, mais tarde ou mais cedo, ele terá que se afastar de Rino.

E este dia não demorou...

Os guardas vieram às pressas à casa do Dr. Marcelo no Centro Tchiluanda:

- Dr. Marcelo, nós vimos uma rinoceronte fêmea no mesmo lugar onde foi encontrado Rino. Ela parecia procurar seu filhote. Ela tinha as tetas cheias de leite. Isto é um sinal que ela tinha tido um filhote recentemente. Ela está lá sozinha e triste, andando de lá para cá. Nós achamos que pode ser a mãe de Rino!

Leo ouviu esta conversa dos guardas com o seu pai. E dois sentimentos contraditórios tomaram conta de sua alma. Um de tristeza, diante da possibilidade de perder Rino e nunca mais voltar a vê-lo. Outro de alegria, diante da possibilidade de Rino encontrar sua mãe e retornar à natureza.

O sentimento de alegria, porém, era maior do que o de tristeza. Afinal, Leo amava Rino e queria o melhor para ele. E o melhor para ele era, sem dúvida, voltar à natureza e juntar-se aos seus pais e ao grupo de rinocerontes. Um dia, ele próprio seria um pai e teria seus filhotes.

E o Dr. Marcelo ordenou:

- Amanhã, vamos levar Rino para ver esta rinoceronte fêmea. Vamos construir um cercado próximo do local onde a fêmea de rinoceronte vem sendo vista.

Leo dormiu pouco aquela noite. Ele se virava de lá para cá na cama. Levantava-se. Olhava pela janela do seu quarto o recinto de Rino. Este, ignorando tudo, dormia profundamente aquecido pelo cobertor dado por Leo.

E um novo amanhecer no Centro Tchiluanda começava. E uma nova vida para Rino e para Leo poderia, igualmente, começar a partir daquele dia.

O Dr. Steve colocou um colar ao redor do pescoço de Rino. Este colar emite sinais eletrônicos que podem ser captados por um receptor. Assim, os cientistas e veterinários do centro poderiam rastrear onde estaria Rino e sua possível mãe, caso ele fosse solto naquele dia.

Ao ver os preparativos para levar Rino ao recinto improvisado na planície africana, Leo perguntou ao seu pai:

- Pai, eu posso levar Rino? Eu vou montado nele ou o levo amarrado pelo pescoço. Eu prometo segurar a corda com bastante firmeza. Posso?

Mas, o Dr. Marcelo foi obrigado a recusar esta solicitação de Leo:

- Filho, infelizmente não pode. O Rino irá em carro fechado do centro e você pode acompanhar a soltura, caso isto seja feito, porém dentro do jipe do centro. Lá já é um ambiente selvagem e não podemos correr riscos. Está bem desta forma?

- Sim, pai, sim. Disse Leo já antecipando momentos de tristezas.

E assim foi feito.

Todos estavam ansiosos e nervosos. A rinoceronte fêmea ainda não tinha sido vista. Rino foi colocado dentro do recinto improvisado e procurava sair, procurando brechas em todos os cantos. Leo era o mais tenso e nervoso de todos. Lágrimas molhavam os seus olhos.

- Leo, você está chorando? Perguntou seu pai.

- Não, pai. Acho que é a areia seca da planície. Respondeu Leo. Ele não queria trazer mais preocupações ao seu pai naquela hora.

O Dr. Steve pediu que todos se retirassem e deixassem Rino sozinho no recinto. Eles deveriam acompanhar de longe a movimentação do rinoceronte fêmea.

As horas se passavam e nada. Rino estava cada vez mais impaciente e não entendia por que todos o abandonaram lá. Sentia falta de Leo.

Já ao final da tarde, a rinoceronte fêmea se aproximou lentamente do recinto. Ela cheirava e olhava e prosseguia em direção do recinto à medida que sentia segurança.

Finalmente, ela se aproximou do filhote. Os dois se cheiraram, se olharam. E a reação do rinoceronte fêmea foi clara. Ela procurava entrar de qualquer jeito no recinto. E foi o que ela fez. Com seus enormes chifres ela arrebentou a cerca do recinto sem maiores dificuldades e foi em direção ao Rino. Este correspondeu imediatamente ao carinho e atenção dela. Para ele, ela não era uma estranha. Os bebês gravam o cheiro das mães assim que nascem. Ele reconheceu que aquela enorme rinoceronte fêmea era sua mãe.

Os dois encostavam o nariz um no outro. Rino procurou pelas tetas de sua mãe para mamar. Ele estava com fome. E como era bem melhor aquele leite de sua mãe! Ele já estava enjoado do leite de cabra dado pelo Leo.

Em seguida, Rino e sua mãe desapareceram rapidamente na planície indo em direção contrária ao local onde estava a manada dos elefantes. Talvez, em direção dos outros rinocerontes.

Leo, agora chorando sem esconder suas lágrimas, gritava:

- Rino! Boa sorte! Seja feliz ao lado de sua mãe e de seus amigos! Eu vou sempre gostar de você e sentir saudades de nossa amizade!

Esta foi uma das solturas mais emocionantes para o Dr. Steve, Dr. Marcelo e os guardas do parque.

Com certeza, a amizade de Rino com Leo fez história no Centro Tchiluanda.

Quem visitar este centro um dia, verá a foto de Leo montado em Rino afixada na sala principal do centro, que ficará lá para sempre. Esta foto correu o mundo e foi publicada em vários jornais e revistas. Saiu até na televisão.

Alguns meses a mais se passaram e chegou o dia da volta da família do Dr. Marcelo voltar a São Paulo, ao Brasil.



Dona Adriana, Leo e o Dr. Marcelo voltavam felizes, mas, ao mesmo tempo, sabiam que sentiriam saudades dos anos que passaram no Centro Tchiluanda.

O receptor rastreava Rino todos os meses. E o rastro mostrava que ele já estava bem longe do centro. Em um local de pasto e água abundantes e sem ameaças dos elefantes.

Rino era o rinoceronte mais fotografado nos safáris dos visitantes. A história de sua amizade com Leo espalhou-se pelo mundo e ele virou celebridade do parque.

E isto foi bom.

Ele atraía muitos turistas que aumentavam a arrecadação em dinheiro para que o parque pudesse se manter e pagar suas despesas. Entre elas, contratar mais guardas para proteger os animais dos caçadores malvados e ampliar os recintos para receber mais animais que precisavam de ajuda.

De volta ao Brasil, Leo acompanhava as atividades do Centro Tchiluanda pela Internet. E, de vez em quando, lia os relatórios sobre o rastreamento e localização de seu agora distante amigo Rino.

O colar de rastreamento de Rino foi trocado várias vezes. Ele crescia cada vez mais. Agora, já adulto, Rino era um belo exemplar de um macho rinoceronte. Rino pesava 3.550 quilos e era o líder de um grupo de rinocerontes. Seus chifres estavam enormes e eram a garantia de proteção para ele e as rinocerontes fêmeas de seu grupo.

Distante geograficamente, mas próximo de seu coração. Leo nunca esqueceu Rino.

E Leo prometia, um dia, voltar lá para vê-lo. Se Rino ainda se lembrar dele, voltar a abraçá-lo.

Leo cresceu, ficou moço, entrou na faculdade de medicina veterinária e formou-se na mesma profissão de seu pai.

E uma das atividades do agora Dr. Leonardo era coordenar as atividades de um centro de recuperação e soltura de animais silvestres no Brasil nos mesmos moldes do Centro Tchiluanda da África do Sul.

Sua foto, montado em Rino, foi para o seu quarto, depois para a república de estudantes universitários, depois para sua clínica veterinária e agora está no centro onde Leo trabalha.

Sabe o nome que Leo deu ao centro? Adivinhe!

No Centro Amigo Rino de Recuperação e Reintegração de Animais Silvestres, o Dr. Leo cuidava de animais da fauna brasileira, como a anta, a jaguatirica, o cervo de pantanal, a onça pintada, o lobo guará, o mação prego, o gibão, a sucuri, o tatu peba, o tucano toco, o papagaio verdadeiro, entre muitos outros.

Eram muito diferentes dos animais do Centro Tchiluanda da África do Sul. Mas, o cuidado e carinho com os animais eram os mesmos. Eram animais feridos por caçadores cruéis, outros com queimaduras provocadas pelas queimadas das matas, atropelamentos, brigas por disputas de fêmeas ou territórios, ferimentos provocados por armadilhas ou acidentes naturais.

Leo imaginava se, um dia, poderia receber um novo filhote de rinoceronte. Mas, isto seria impossível.

E aconteceu um ano em que Leo decidiu viajar novamente para o Centro Tchiluanda da África do Sul. Era uma forma de atualizar informações, falar sobre suas atividades no Centro Amigo Rino e... TENTAR VER RINO NOVAMENTE!

E assim aconteceu!

O Dr. Steve não se encontrava mais no Centro Tchiluanda. Ele havia se aposentado e retornado aos Estados Unidos. Mas, vários guardas da época em que o Dr. Marcelo trabalhou no centro ainda se encontravam lá.

E dois destes guardas sabiam onde Leo poderia rever Rino.

O coração de Leo disparava de emoção à medida que o carro safári do Centro Tchiluanda tomava o rumo da planície onde Rino poderia ser encontrado, juntamente com dois rinocerontes fêmeas e um filhote - prova de que Rino já era papai.

- Será que Rino vai, ainda, me reconhecer? Tantos anos se passaram! Pensava Leo.

O carro safári parou em um ponto da planície. Um grupo de rinocerontes podia ser visto à distância. Leo pegou o binóculo para fazer uma primeira observação.

- Mobutu, meu amigo. Você acredita que pode ser Rino? Perguntou Leo.

Mobutu, um fiel guarda e companheiro de Leo quando ele era criança, pegou o binóculo, observou atentamente e disse:

- Sim, é ele! Eu reconheço os chifres e se pode ver o colar de rastreamento ao redor de seu pescoço.

- Podemos nos aproximar mais um pouco com o carro safári? Quis saber Leo.

Mobutu disse que não. O carro safári já estava no limite de distância que os rinocerontes aceitavam. Eles poderiam atacar e sair em disparada.

- Daqui para frente ou voltamos ou prosseguimos a pé! Mas, é perigoso! Disse Mobutu.

Leo decidiu prosseguir a pé em direção ao grupo de quatro rinocerontes, entre eles Rino.

Cautelosamente, Leo seguia pelas trilhas da planície. À medida que se aproximavam, os rinocerontes demonstravam inquietação e nervosismo. Eles mostravam isto, andando de lá para cá, olhando fixo em direção ao Leo com as orelhas levantadas, bufando, arrastando os pés no chão levantando poeira. Rino enfiava os chifres na terra e jogava para cima, um sinal de ataque!

Leo resolveu arriscar, Mobutu ficava um pouco atrás procurando dar uma proteção. Mas, Mobutu sabia que se Rino atacasse, os dois estariam em condições de muito perigo.

- Rino! Rino! Sou eu, Leo! Você não se lembra de mim, meu amigo?

Rino iniciou uma corrida em direção ao Leo. As duas fêmeas e os filhotes procuraram se afastar.

Rino estava com os chifres para baixo, outro sinal de ataque.

Leo continuava chamando por Rino:

- Rino! Rino! Sou eu Leo, amigão!

Em dado momento, Rino levantou a cabeça, saindo da posição de ataque e se dirigiu ao Leo, caminhando em trote, mas sem demonstrar agressividade.

Quando chegou próximo de Leo, Rino parou, procurou cheirar o ar ao redor de Leo e foi em sua direção.

Leo passou a mão em sua cabeça e a coçou como sempre fazia. Rino abaixava a cabeça, mostrando que estava gostando.

Rino havia se lembrado de Leo!

Lágrimas saíam dos olhos de Leo ao ver o seu amigo tão bonito, forte, líder de um grupo e papai de um belo filhote, igualzinho ao Rino quando foi levado ao Centro Tchilunda.

E os dois ficaram assim por vários minutos. Leo acariciava Rino na cabeça, no dorso, passava as mãos pelos seus chifres.

Em dado momento, Rino olhou para Leo e para o grupo de fêmeas e seu filhote.

E Rino voltou-se para elas e foi embora.

Era a uma despedida para Leo.

Leo entendeu que Rino queria seguir com sua vida na selva:

- Vá meu amigo! Você me deu uma das maiores alegrias de minha vida hoje!

Leo voltou para o Brasil. Muito trabalho o aguardava no Centro Amigo Rino de Recuperação e Reintegração de Animais Silvestres.

Um filhote de Anta o aguardava para tratamento. Sua mãe não foi encontrada. Não se sabia se ela fugiu de algum perigo, se foi abatida por uma onça ou por estes malvados caçadores...

FIM